



GÊNERO

AS MULHERES E OS SERVIÇOS FORMAIS – O QUE MUDOU NA DÉCADA DE 1990?

Osiris Marques

Resumo: Este artigo investiga as inserções ocupacionais do emprego formal no setor de serviços para homens e mulheres, tendo em vista a importância crescente deste setor na geração de novos postos de trabalho. O estudo utiliza como fonte de informações estatísticas a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), que capta cerca de 90% do emprego formal brasileiro. No entanto, para o setor de serviços, a cobertura da RAIS deve abarcar um percentual ainda menor, já que é um setor marcado por uma grande gama de atividades heterogêneas e de difícil mensuração estatística. Para a análise do perfil dos trabalhadores, utilizam-se como principais variáveis de referência a faixa etária, a escolaridade e a remuneração auferida.

Palavras-chave: serviço formal; gênero; segregação no mercado de trabalho.

Introdução

As mudanças econômico-sociais que ocorreram no Brasil durante a década de 1980 e, principalmente, de 1990, marcaram decisivamente a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Apesar de ter havido uma grande redução das barreiras à entrada destas trabalhadoras em todos os setores da economia, ainda persistem obstáculos na inserção das mulheres, quando comparadas com a inserção da mão-de-obra masculina.

Houve um aumento importante na taxa de participação feminina¹ nas últimas décadas, aproximando-se dos 40% nos anos 1990. Nas regiões metropolitanas, este valor atingiu quase 45%.² Se esta parece ser uma boa notícia, a evolução das diferenças entre as taxas de desemprego masculino e feminino parece apontar para outro caminho. Em 2000, a taxa de desemprego feminino era de 8%, enquanto a masculina era de 6,5%. E esta diferença piorou muito durante os anos 1990, já que em 1990 o desemprego entre as mulheres era de 4,9% e, entre os homens, de 4,8%, o que representava uma diferença de apenas 0,1%.³

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 59-77, 1. - 2. sem. 2006 **59**



GÊNERO

A análise do mercado de trabalho formal,⁴ onde são encontrados os empregos protegidos da economia, revela-nos melhoras importantes para o emprego feminino. Entre 1989 e 1998, de acordo com dados da RAIS, houve um aumento importante da participação da mão-de-obra feminina no emprego formal. Neste período, o número de mulheres neste nicho do mercado de trabalho aumentou de 8,4 milhões para 9,4 milhões, o que, em termos percentuais, representou um aumento de 34,3% para 38,4% do total dos trabalhadores formais. Já os homens perderam tanto participação relativa como absoluta, passando de 16,1 milhões para 15,1 milhões de trabalhadores. Isto mostra que o emprego no setor formal praticamente estagnou durante toda a década de 1990, tendo o aumento do emprego feminino apenas compensado a queda do emprego masculino.

Em termos setoriais, o emprego formal teve acentuada uma tendência já conhecida dos estudos socioeconômicos: a intensa presença feminina no setor de serviços. Em 1989, 73,4% das mulheres do mercado formal estavam no setor de serviços. Em 1998, esta proporção havia saltado para 84,3%. Este aumento bastante significativo da participação das mulheres nos serviços formais reflete, em parte, as mudanças estruturais por que passou a economia brasileira nos últimos anos, como a reestruturação produtiva e as grandes mudanças nos paradigmas tecnológicos e produtivos, que fizeram com que a indústria de transformação, principal reduto do trabalho formal, perdesse a dinâmica na geração de postos de trabalho desta natureza.

Os homens também aumentaram sua participação no setor de serviços neste mesmo período, passando de 55,7% para 63,1%. Contudo, continuaram com uma participação abaixo das mulheres.

O principal objetivo deste artigo é investigar as inserções ocupacionais do emprego formal no setor de serviços para homens e mulheres, tendo em vista a importância crescente deste setor na geração de novos postos de trabalho. O estudo utiliza como fonte de informações estatísticas a RAIS, que capta cerca de 90% do emprego formal brasileiro. No entanto, para o setor de serviços, a cobertura da RAIS deve abarcar um percentual ainda menor, já que é um setor marcado por uma grande gama de atividades heterogêneas e de difícil mensuração estatística.

No estudo, o período de análise se concentra na segunda metade da década de 1990, mais precisamente entre os anos de 1996 e 2000, por dois principais motivos: o primeiro tem a ver com o impacto das políticas econômicas adotadas no final da primeira metade da década, notadamente o impacto do Plano Real sobre o mercado de trabalho formal; o segundo motivo está relacionado à introdução de uma nova classificação das atividades (a Classificação Nacional das Atividades Econômicas – CNAE) a partir de 1995, já que, até então, a abertura utilizada pelos dados da RAIS para o setor de serviços era bastante precária e insuficiente para uma análise desagregada. A partir de 1996, no entanto, a RAIS incorporou esta nova classifica-

60 Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 59-77, 1. - 2. sem. 2006



GÊNERO

ção, o que ampliou o número de subsetores do setor de serviços e também a possibilidade de se fazer uma análise mais refinada sobre a dinâmica deste setor.

Os serviços e a perspectiva de gênero

A distribuição da ocupação por sexo nos serviços formais no Brasil praticamente não evoluiu na segunda metade da década de 1990, se analisarmos o setor como um todo. Contudo, ocorreram alterações intersetoriais que merecem ser analisadas. A Tabela 1 resume os quocientes entre número de homens ocupados no setor e o número de mulheres. Como podemos perceber, não houve alteração na relação homem-mulher ocupados em termos nacionais, que se manteve em torno de 1,2. As únicas regiões que experimentaram alguma melhora foram a Sudeste, onde esta relação passou de 1,3 para 1,2, e a região Centro-Oeste, onde a relação passou de 1,5 para 1,4, sendo este o maior valor encontrado entre todas as regiões. Vale a pena destacar que a região Nordeste é a que possui a melhor distribuição dos empregos do setor de serviços entre homens e mulheres: para cada emprego masculino encontra-se um emprego feminino.

Tabela 1
Relação homem-mulher no setor de serviços por região
RAIS, 1996/2000

	NORTE		NORDESTE		SUDESTE		SUL		C. OESTE		TOTAL	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000
COMÉRCIO	1,9	1,8	1,8	1,8	1,8	1,7	1,7	1,6	2,1	2,0	1,8	1,7
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	1,2	1,1	1,4	1,3	1,3	1,2	0,7	0,7	1,3	1,3	1,2	1,1
TRANSPORTE E SERV. AUX. TRANSPORTE	7,7	6,4	5,6	8,3	7,5	6,5	9,5	8,6	7,5	6,4	7,4	7,0
CORREIO E TELECOMUNICAÇÕES	2,5	2,6	2,3	2,3	2,5	2,4	2,7	2,3	2,1	2,2	2,5	2,4
INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA	1,4	1,4	1,5	1,4	1,2	1,1	1,4	1,4	1,6	1,6	1,3	1,2
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL DE BENS	3,8	5,6	7,3	7,3	4,0	4,2	1,5	1,5	3,3	3,5	3,6	3,8
ATIVIDADES DE INFORMÁTICA E P&D	1,9	1,4	3,1	1,3	1,4	1,5	1,4	1,5	1,4	1,0	1,7	1,3
SERVIÇOS PREST. PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	2,4	3,0	2,5	2,3	1,7	1,4	1,4	1,6	1,6	1,7	1,7	1,5
ADM. PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	0,9	0,8	0,6	0,6	0,8	0,8	0,7	0,7	1,5	1,4	0,8	0,8
ENSINO	0,5	0,7	0,4	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,6	0,5	0,6	0,6
SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS	0,5	0,5	0,4	0,4	0,3	0,3	0,3	0,3	0,4	0,4	0,4	0,3
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	1,3	1,2	1,6	1,3	1,4	1,1	1,5	1,2	1,3	1,2	1,4	1,2
TOTAL	1,2	1,2	1,0	1,0	1,3	1,2	1,1	1,1	1,5	1,4	1,2	1,2

Fonte: RAIS.

GÊNERO

É claro que a análise subsetorial do setor de serviços revela diferenças marcantes em termos da relação homem-mulher ocupados. Em nível nacional, todos os setores apresentaram ou uma redução da ocupação homem-mulher, ou simplesmente mantiveram o mesmo nível de 1996. A única exceção ficou a cargo das atividades imobiliárias e do aluguel de bens, em que esta relação passou de 3,6 para 3,8.

O número de homens ocupados supera o número de mulheres em quase todos os subsectores dos serviços, com exceção de três: no setor administração pública, defesa e seguridade social, no setor de ensino e no setor de saúde e serviços sociais. As atividades com maior predominância masculina foram os transportes e serviços auxiliares de transporte, as atividades imobiliárias e aluguel de bens e as atividades de correio e telecomunicações. Estas informações podem também ser constatadas com o auxílio da Tabela 2, que mostra o percentual de homens e mulheres ocupados nos subsectores dos serviços e seu respectivo Gráfico 1.

Tabela 2
Distribuição do emprego setorial nos serviços por sexo
BRASIL – 1996/2000

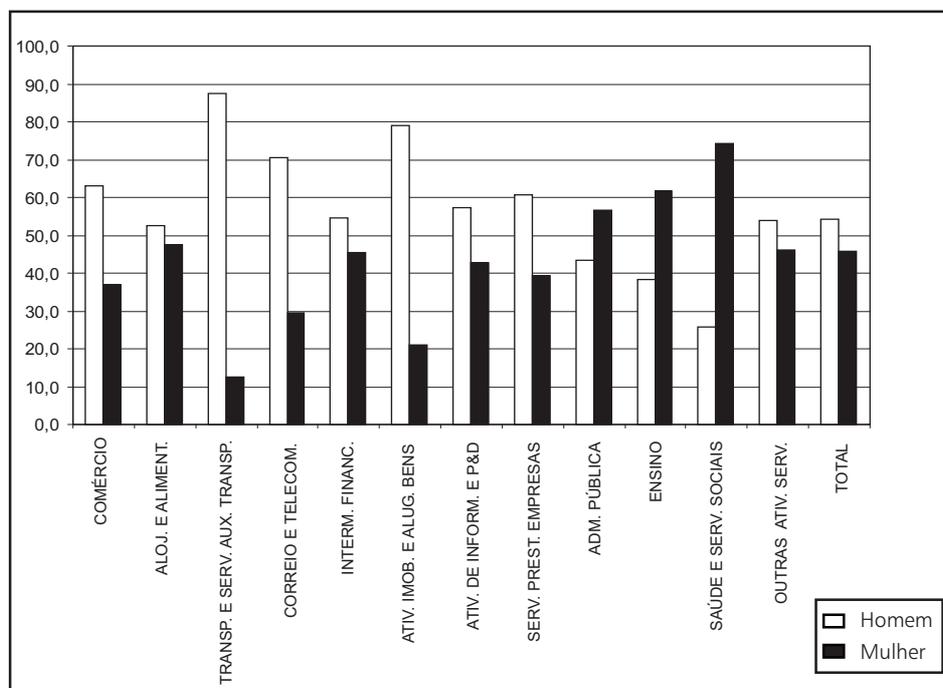
	HOMENS		MULHERES	
	1996	2000	1996	2000
COMÉRCIO	64,2	62,9	35,8	37,1
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	54,4	52,7	45,6	47,3
TRANSPORTE E SERV. AUX. TRANSPORTE	88,1	87,5	11,9	12,5
CORREIO E TELECOMUNICAÇÕES	71,1	70,5	28,9	29,5
INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA	56,6	54,5	43,4	45,5
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL DE BENS	78,4	79,1	21,6	20,9
ATIVIDADES DE INFORMÁTICA E P&D	62,6	57,3	37,4	42,7
SERVIÇOS PREST. PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	63,2	60,6	36,8	39,4
ADM. PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	43,8	43,5	56,2	56,5
ENSINO	36,0	38,3	64,0	61,7
SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS	26,2	25,8	73,8	74,2
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	58,7	53,8	41,3	46,2
TOTAL	54,8	54,2	45,2	45,8

Fonte: RAIS.



GÊNERO

Gráfico 1
Distribuição da ocupação masculina e feminina
pelos subsetores do setor serviços – Brasil – RAIS, 2000



O emprego setorial nos serviços

Entre 1996 e 2000, foram gerados 2.444.840 novos postos de trabalho formais no setor de serviços, dos quais 1.230.249 foram ocupados pelos homens, e 1.214.591 foram ocupados pelas mulheres. O fato de o número de postos gerados ter sido quase que o mesmo para homens e mulheres praticamente não alterou a diferença total do número de postos de trabalho ocupados pelos homens e pelas mulheres. Apesar disso, a taxa de crescimento do emprego feminino (16,3%) foi superior à taxa de crescimento do masculino, que foi de 13,7%, como detalhado na Tabela 3.

A taxa de crescimento da atividade de intermediação financeira foi a única que apresentou taxa negativa de crescimento, encolhendo 12% entre 1996 e 2000. Isto significou o fechamento de mais de 75 mil postos de trabalho durante este período. As mulheres, contudo, foram menos afetadas neste segmento que os homens, já que para elas a taxa de crescimento foi de -7,8% (cerca de -20 mil postos de trabalho), enquanto para os homens este valor foi de -15,2% (cerca de -55 mil postos de trabalho).

GÊNERO

A taxa de crescimento do emprego feminino foi maior que a masculina em praticamente todas as atividades de serviços. Nos setores imobiliário e de aluguel de bens e na atividade de ensino, contudo, o emprego masculino apresentou maior dinamismo. O emprego masculino cresceu 21,1% e 15%, enquanto o feminino cresceu 15,9% e 4%, respectivamente.

O crescimento dos serviços prestados às empresas é um fato que também chama a atenção no setor formal. O crescimento global deste setor aproximou-se dos 50% no período analisado. No caso das mulheres, este crescimento alcançou 58,4% e cerca de 42% para os homens.

Tabela 3
Emprego setorial nos serviços por sexo – Brasil – 1996/2000

	HOMENS			MULHERES			TOTAL			
	1996	2000	var. (%)	1996	2000	var. (%)	1996	2000	var. abs.	var. (%)
COMÉRCIO	2.222.090	2.675.119	20,4	1.241.316	1.576.643	27,0	3.463.406	4.251.762	788.356	22,8
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	355.716	418.030	17,5	297.782	375.280	26,0	653.498	793.310	139.812	21,4
TRANSPORTE E SERV. AUX. TRANSPORTE	1.033.897	1.029.660	(0,4)	140.018	146.917	4,9	1.173.915	1.176.577	2.662	0,2
CORREIO E TELECOMUNICAÇÕES	145.117	150.994	4,0	59.124	63.206	6,9	204.241	214.200	9.959	4,9
INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA	358.073	303.713	(15,2)	274.880	253.501	(7,8)	632.953	557.214	(75.739)	(12,0)
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL DE BENS	356.608	431.687	21,1	98.384	114.011	15,9	454.992	545.698	90.706	19,9
ATIVIDADES DE INFORMÁTICA E P&D	101.478	112.865	11,2	60.746	84.001	38,3	162.224	196.866	34.642	21,4
SERVIÇOS PREST. PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	960.639	1.359.779	41,5	558.205	884.253	58,4	1.518.844	2.244.032	725.188	47,7
ADM. PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	2.397.979	2.561.683	6,8	3.079.583	3.331.527	8,2	5.477.562	5.893.210	415.648	7,6
ENSINO	306.461	352.343	15,0	544.472	566.428	4,0	850.933	918.771	67.838	8,0
SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS	258.650	268.144	3,7	729.724	770.084	5,5	988.374	1.038.228	49.854	5,0
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	512.263	575.203	12,3	360.744	493.718	36,9	873.007	1.068.921	195.914	22,4
TOTAL	9.008.971	10.239.220	13,7	7.444.978	8.659.569	16,3	16.453.949	18.898.789	2.444.840	14,9

Fonte: RAIS.

A distribuição do emprego intersetorial de homens e mulheres, entre 1996 e 2000, nos serviços formais não revela mudanças muito expressivas em sua composição. Pelas informações constantes da Tabela 4, as mulheres continuaram concentradas principalmente nas administrações públicas, defesa e seguridade social, apesar de ter havido uma queda nesta participação de 41,4% para 38,5% no período. Além deste setor, a atividade de comércio, segundo maior reduto das mulheres nos serviços formais, teve um aumento da participação feminina de 16,7% para 18,2%. Os serviços prestados às empresas vêm em seguida, empregando cerca de 10% da mão-de-obra feminina no final da década, superando, assim, o setor de saúde e serviços sociais, que neste mesmo ano empregava cerca de 9% da mão-de-obra feminina. A presença feminina nos demais setores se encontrava pulverizada, variando de 0,7% nas atividades de correio e telecomunicações a 6,5% no setor de ensino no ano 2000.

No caso dos homens, a administração pública, defesa e seguridade social, que concentravam a maior parte deles em 1996 (26,6%), perderam espaço e foram superadas pela atividade de comércio que, no ano 2000, empregou 26,1% da mão-de-obra masculina. Neste mesmo ano, a administração pública empregou 25% dos

**GÊNERO**

homens. A presença masculina também foi ampliada nos serviços prestados às empresas, passando de 10,7% a 13,3%. A presença dos homens encontrava-se repartida entre os demais setores, sendo que, no ano 2000, o setor em que os homens menos estiveram presentes foi o de atividades de informática e P&D (1,1%). Esta pequena participação justifica-se pela pequena participação deste setor no total dos serviços.

Tabela 4
Distribuição do emprego de homens e mulheres
nos serviços formais por região – RAIS – 1996/2000

	NORTE				NORDESTE				SUDESTE			
	HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000
COMÉRCIO	19,4	23,3	11,9	14,9	21,8	23,8	12,1	13,6	25,6	26,6	18,3	19,6
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	2,5	2,4	2,4	2,5	3,3	3,9	2,4	3,1	4,6	4,6	4,6	4,8
TRANSPORTE E SERV. AUX. TRANSPORTE	9,7	8,7	1,5	1,6	9,6	8,4	1,8	1,0	12,7	11,1	2,2	2,1
CORREIO E TELECOMUNICAÇÕES	1,7	1,2	,8	,5	1,5	1,3	,6	,6	1,7	1,6	,8	,8
INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA	2,5	1,8	2,0	1,5	3,0	2,0	2,1	1,5	4,1	3,3	4,4	3,7
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL DE BENS	1,6	1,5	,5	,3	3,3	4,2	,5	,6	5,0	5,2	1,6	1,5
ATIVIDADES DE INFORMÁTICA E P&D	,7	1,0	,4	,8	1,9	,7	,6	,5	1,0	1,1	,9	,9
SERVIÇOS PREST. PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	8,4	10,0	4,0	3,9	9,5	11,2	3,8	4,8	12,4	15,8	9,5	14,2
ADM. PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	42,3	40,2	57,1	58,9	33,8	33,3	55,2	58,0	20,8	18,9	35,0	29,8
ENSINO	3,0	2,3	6,9	4,0	4,0	3,2	9,5	5,3	3,5	3,4	7,0	6,6
SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS	3,4	2,4	8,2	5,7	3,4	2,5	8,2	6,6	2,8	2,7	10,4	9,8
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	4,9	5,3	4,3	5,3	5,0	5,5	3,2	4,3	5,9	5,5	5,4	6,1
TOTAL	100,0											
TOTAL ABSOLUTO (EM MIL)	382,8	461,1	332,8	394,9	1467,7	1687,2	1451,3	1666,8	5017,5	5550,0	3945,9	4495,1

	SUL				CENTRO-OESTE				BRASIL			
	HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000
COMÉRCIO	29,1	30,6	19,4	21,5	19,1	21,5	13,8	15,2	24,7	26,1	16,7	18,2
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	3,2	3,5	4,8	5,3	2,8	3,1	3,3	3,5	3,9	4,1	4,0	4,3
TRANSPORTE E SERV. AUX. TRANSPORTE	12,0	11,2	1,4	1,4	7,2	5,8	1,5	1,3	11,5	10,1	1,9	1,7
CORREIO E TELECOMUNICAÇÕES	1,6	1,4	,7	,7	1,6	1,1	1,2	,7	1,6	1,5	,8	,7
INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA	5,0	3,2	3,9	2,6	3,7	2,7	3,6	2,4	4,0	3,0	3,7	2,9
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL DE BENS	2,6	2,7	1,9	2,0	2,2	2,3	1,0	1,0	4,0	4,2	1,3	1,3
ATIVIDADES DE INFORMÁTICA E P&D	,9	1,0	,7	,8	1,3	2,0	1,4	2,9	1,1	1,1	,8	1,0
SERVIÇOS PREST. PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	8,1	10,8	6,5	7,6	7,3	7,8	6,8	6,4	10,7	13,3	7,5	10,2
ADM. PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	25,1	22,3	39,1	35,2	45,6	43,0	46,3	42,9	26,6	25,0	41,4	38,5
ENSINO	3,4	3,8	6,6	6,6	2,1	3,8	5,5	10,4	3,4	3,4	7,3	6,5
SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS	2,4	2,5	9,9	10,0	2,8	2,5	10,5	8,2	2,9	2,6	9,8	8,9
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	6,8	6,8	5,1	6,3	4,3	4,5	5,0	5,2	5,7	5,6	4,8	5,7
TOTAL	100,0											
TOTAL ABSOLUTO (EM MIL)	1359,7	1562,4	1208,4	1417,3	781,2	978,5	506,7	685,5	9009,0	10239,2	7445,0	8659,6

Fonte: RAIS.

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 59-77, 1. - 2. sem. 2006 **65**



GÊNERO

Em termos regionais, chama a atenção a elevada participação das mulheres nas administrações públicas na região Norte e Nordeste onde, no final da década de 1990, 58,9% e 58% das mulheres, respectivamente, encontravam-se neste setor. Na região Sudeste, nestes mesmos anos, somente 30% das mulheres encontravam-se neste setor.

As mudanças ocupacionais ocorridas no interior dos serviços formais na *região Norte* indicam uma redução da participação das mulheres em quase todos os setores em favor do aumento da participação do comércio e da administração pública que juntos, no ano de 2000, empregavam cerca de 74% das mulheres nesta região. No caso da mão-de-obra masculina, houve aumento da participação masculina apenas no comércio e nos serviços prestados às empresas. Mesmo no caso da administração pública houve uma redução de 2 pontos percentuais na segunda metade da década de 1990.

Na *região Nordeste*, a participação relativa dos homens na administração pública praticamente se manteve, o que não ocorreu com a participação das mulheres, que experimentou um crescimento relevante entre 1996 e 2000, passando de 55,2% para 58% das mulheres ocupadas no setor de serviços. A atividade de ensino vivenciou uma forte retração da presença feminina nesses anos, cerca de 44%. Apesar disso, houve crescimento da participação das mulheres no comércio, na atividade de alojamento e alimentação e nos serviços prestados às empresas. O crescimento da participação masculina nesta região se deu exatamente nos mesmos setores em que cresceu o emprego feminino, demonstrando, de alguma forma, a dinâmica positiva por que passaram estes setores.

As *regiões Sul e Sudeste* foram as que apresentaram uma menor concentração do emprego, tanto no caso dos homens quanto no caso das mulheres. No caso da *região Sudeste*, o emprego feminino nos serviços formais se concentrava, principalmente, nos setores de comércio, serviços prestados às empresas, administração pública e saúde e serviços sociais, sendo que os dois últimos setores experimentaram uma queda na sua participação, principalmente no caso da administração pública, que em 1996 empregava 35%, e em 2000 passou a empregar 29,8% das mulheres empregadas nos serviços. Os homens estavam concentrados principalmente no comércio, na atividade de transporte, nos serviços prestados às empresas e na administração pública. Na administração pública do Sudeste, o emprego masculino e o feminino apresentaram as menores taxas de participação quando comparadas às demais regiões, o que nos demonstra a dinâmica própria que possui o setor de serviços privados na maior região econômica do país.

O emprego masculino na *região Sul* esteve fortemente concentrado no setor de comércio, que em 2000 empregava cerca de 31% dos homens. Além deste, a administração pública, o setor de transporte e os serviços prestados às empresas apresentaram elevado grau de empregabilidade entre os homens do setor formal de

66 Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 59-77, 1. - 2. sem. 2006



serviços. As mulheres seguem a tendência nacional e se concentram principalmente na administração pública, apesar de o comércio ser o segundo empregador das mulheres no setor de serviços nesta região. As atividades de ensino e de saúde também são setores importantes para o emprego feminino, apesar da estagnação destes durante os anos analisados.

Por fim, a *região Centro-Oeste* apresenta um aspecto interessante, que é uma maior participação de homens e mulheres nas atividades de informática, cerca de 2% e 2,9%. Apesar de não serem números expressivos, são mais elevados que a média nacional, que gira em torno de 1%. A participação dos homens nos serviços desta região é das mais concentradas do país, já que cerca de 65% deles se encontram empregados no comércio e na administração pública. Na região Sudeste, por exemplo, este valor é de 45%. No caso dos serviços prestados às empresas, houve uma redução da participação feminina nesta região de 6,8% para 6,4% no período, fato este que segue na direção oposta às demais regiões do país, onde esta atividade experimentou expressivo crescimento.

O perfil dos trabalhadores do setor formal de serviços

Para analisar o perfil dos trabalhadores e das trabalhadoras do setor formal optou-se por utilizar as seguintes variáveis: faixa etária, escolaridade e remuneração média, sendo que no caso das duas primeiras variáveis a abertura por faixas de idade, no caso da primeira, e por faixas de escolaridade, no caso da segunda, é apresentada para o Brasil como um todo, não contemplando a análise regional. Porém, para complementarmos a análise e também para avaliarmos a situação dessas variáveis em termos regionais, trabalha-se com a escolaridade média (em anos de estudo) e a idade média, disponíveis para as grandes regiões brasileiras.

Faixa etária

A população brasileira passou (e ainda está passando) por um forte processo de envelhecimento nas últimas décadas, o que acabou por provocar uma elevação da idade média dos trabalhadores em todos os setores da economia. De acordo com Camarano e Beltrão (1998), que elaboraram um criterioso estudo sobre o mercado de trabalho da população idosa, o aumento da taxa de participação do segmento populacional de idades mais avançadas no mercado de trabalho foi relativamente mais importante para a população feminina, o que acabou "levando a uma redução da razão de sexos na PEA idosa, que, em 1986, fora de 4,6 homens para cada mulher, e passou para 2,1, em 1996".

Um outro estudo elaborado por Melo (2000), que investiga o trabalho feminino industrial, também demonstrou que houve um aumento das taxas de participação das faixas etárias mais velhas em todos os ramos industriais. E, a partir da análise dos dados da PNAD,⁵ a autora chega à seguinte conclusão:

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 59-77, 1. - 2. sem. 2006 **67**

Tabela 5
Distribuição percentual do pessoal ocupado nos serviços formais
por sexo e faixa etária – Brasil – 1996/2000

			10 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 +	Total
Comércio	Homem	1996	4,95	29,52	20,07	26,56	12,60	6,30	100,00
		2000	2,89	30,60	20,39	27,01	13,08	6,02	100,00
	Mulher	1996	4,58	37,68	21,71	24,00	9,17	2,86	100,00
		2000	2,51	37,48	21,94	24,62	10,27	3,18	100,00
Alojamento e alimentação	Homem	1996	4,17	31,94	21,13	25,29	11,39	6,08	100,00
		2000	2,34	31,41	21,15	27,06	12,02	6,02	100,00
	Mulher	1996	3,93	22,82	16,90	29,95	18,95	7,44	100,00
		2000	2,23	23,96	17,10	29,62	19,55	7,54	100,00
Transporte e serv. aux.de transporte	Homem	1996	0,79	13,58	16,24	34,92	24,82	9,65	100,00
		2000	0,37	12,98	15,88	34,18	25,84	10,75	100,00
	Mulher	1996	1,05	19,21	19,53	35,35	18,88	5,97	100,00
		2000	0,59	21,55	19,33	32,58	19,70	6,25	100,00
Correio e telecomunicações	Homem	1996	0,43	8,51	11,95	35,30	35,09	8,72	100,00
		2000	0,26	14,84	15,60	31,64	29,67	8,00	100,00
	Mulher	1996	0,51	11,93	12,64	36,92	33,16	4,84	100,00
		2000	0,33	21,98	19,93	29,26	24,41	4,10	100,00
Intermediação financeira	Homem	1996	1,18	10,45	17,09	40,70	25,64	4,94	100,00
		2000	0,41	12,21	13,69	37,37	29,77	6,55	100,00
	Mulher	1996	0,49	13,40	20,15	42,63	21,35	1,98	100,00
		2000	0,19	15,49	17,79	38,19	25,52	2,82	100,00
Atividades imobiliárias e aluguel de bens	Homem	1996	1,02	17,55	17,89	28,25	18,25	17,03	100,00
		2000	0,35	14,15	17,43	31,30	19,94	16,82	100,00
	Mulher	1996	1,82	21,31	16,32	29,40	20,54	10,62	100,00
		2000	0,71	17,49	16,08	30,25	23,21	12,26	100,00
Atividades de informática e P&D	Homem	1996	2,14	19,05	20,18	35,22	17,67	5,74	100,00
		2000	1,20	27,99	19,24	26,96	17,35	7,26	100,00
	Mulher	1996	2,04	24,99	18,36	32,15	18,12	4,33	100,00
		2000	0,95	31,58	20,76	25,75	16,61	4,34	100,00
Serv. prestados principalmente às empresas	Homem	1996	2,69	23,48	21,04	30,48	14,88	7,43	100,00
		2000	1,11	23,43	20,41	31,62	16,19	7,25	100,00
	Mulher	1996	2,06	25,09	18,62	29,51	17,49	7,23	100,00
		2000	0,79	22,77	17,59	28,88	20,72	9,27	100,00
Adm. pública, defesa e seguridade social	Homem	1996	0,19	10,16	12,98	32,27	26,16	18,24	100,00
		2000	0,07	7,57	11,68	32,37	27,99	20,32	100,00
	Mulher	1996	0,08	5,51	11,76	35,50	32,67	14,49	100,00
		2000	0,03	4,28	9,55	33,66	33,42	19,05	100,00
Ensino	Homem	1996	1,55	10,03	14,08	33,33	23,63	17,38	100,00
		2000	1,60	9,00	13,16	33,66	24,85	17,74	100,00
	Mulher	1996	0,74	13,93	16,39	33,58	23,75	11,61	100,00
		2000	0,67	12,75	15,91	34,77	24,17	11,74	100,00
Saúde e serviços sociais	Homem	1996	2,58	14,78	16,22	32,72	21,10	12,60	100,00
		2000	2,72	15,32	16,47	32,21	20,65	12,63	100,00
	Mulher	1996	0,97	15,97	17,12	34,84	22,19	8,91	100,00
		2000	0,70	16,12	17,68	33,60	22,75	9,15	100,00
Outras atividades de serviços	Homem	1996	4,10	17,79	16,05	28,47	18,73	14,87	100,00
		2000	3,45	17,22	15,78	29,00	20,01	14,54	100,00
	Mulher	1996	2,41	19,59	17,51	31,09	19,78	9,61	100,00
		2000	1,89	18,41	17,12	31,05	21,30	10,24	100,00
Total	Homem	1996	2,29	18,55	17,01	30,79	19,94	11,42	100,00
		2000	1,42	18,76	16,77	30,72	20,53	11,80	100,00
	Mulher	1996	1,46	16,33	15,86	32,66	23,81	9,90	100,00
		2000	0,90	16,67	15,20	31,23	24,23	11,77	100,00

Fonte: RAIS.

68 Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 59-77, 1. - 2. sem. 2006



Tabela 6
Idade média do pessoal ocupado ou setor de serviços por gênero e por região – RAIS – 1996/2000

	NORTE				NORDESTE				SUDESTE			
	HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000
COMÉRCIO	29,8	29,8	28,2	28,2	30,5	30,7	28,8	29,2	30,6	30,9	28,0	28,6
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	29,8	30,6	33,6	33,5	29,9	30,4	32,0	32,2	30,2	30,8	32,3	32,6
TRANSPORTE E SERV. AUX. TRANSPORTE	34,4	35,4	33,0	33,1	35,3	36,2	34,2	33,5	36,0	36,5	33,2	33,4
CORREIO E TELECOMUNICAÇÕES	37,1	36,7	36,8	34,5	39,0	37,5	38,2	35,0	37,1	35,4	35,2	32,7
INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA	35,8	36,3	34,6	34,9	36,5	38,0	35,3	36,1	34,5	35,2	32,8	33,4
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL DE BENS	34,2	35,6	32,8	33,6	33,5	34,7	32,1	33,3	36,6	37,5	33,9	35,3
ATIVIDADES DE INFORMÁTICA E P&D	37,9	35,9	35,6	33,1	33,7	35,2	35,4	33,9	32,1	31,9	31,2	31,1
SERVIÇOS PREST. PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	32,0	32,2	32,9	32,2	32,2	32,5	32,6	32,3	32,1	32,8	32,4	34,5
ADM. PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	37,6	39,3	38,6	39,8	40,6	42,1	40,5	42,6	39,2	40,4	38,9	40,0
ENSINO	35,3	36,5	35,4	34,6	36,8	37,0	38,1	35,5	38,6	39,4	35,7	36,9
SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS	37,2	37,4	36,6	35,6	35,9	35,2	35,4	35,0	35,3	35,5	34,6	35,0
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	35,7	35,6	35,6	36,2	35,4	36,5	34,3	35,2	35,5	35,7	34,1	34,6
TOTAL	34,8	35,3	36,3	36,7	35,7	36,2	37,4	38,4	34,5	34,9	34,5	35,0

	SUL				CENTRO-OESTE				BRASIL			
	HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000
COMÉRCIO	30,4	30,7	28,7	29,4	29,4	29,8	27,4	28,0	30,4	30,7	28,2	28,8
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	29,5	29,9	34,2	34,3	29,0	29,4	32,2	32,3	30,0	30,5	32,7	32,9
TRANSPORTE E SERV. AUX. TRANSPORTE	35,6	35,9	32,5	32,5	34,5	35,3	31,4	31,5	35,7	36,3	33,2	33,2
CORREIO E TELECOMUNICAÇÕES	37,4	35,5	36,1	32,1	37,5	36,7	36,2	34,1	37,5	35,8	36,0	33,1
INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA	35,2	36,9	33,8	34,7	35,7	36,8	34,2	34,7	35,0	36,0	33,4	34,0
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL DE BENS	38,1	38,7	36,5	37,7	33,4	34,7	32,0	33,8	36,2	37,0	34,3	35,6
ATIVIDADES DE INFORMÁTICA E P&D	31,4	31,2	30,5	30,3	33,6	31,4	31,6	29,2	32,7	32,2	31,9	30,9
SERVIÇOS PREST. PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	31,9	31,8	32,0	31,8	32,1	32,4	32,8	32,8	32,1	32,6	32,4	33,8
ADM. PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	39,6	41,2	37,6	39,4	34,3	35,1	38,4	39,7	38,7	39,9	39,0	40,6
ENSINO	37,6	38,1	34,7	36,1	34,6	36,1	32,6	35,4	37,8	38,4	36,0	36,3
SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS	33,9	35,1	34,3	34,8	36,5	35,7	35,1	34,7	35,5	35,5	34,8	35,0
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	34,9	35,6	33,6	34,4	32,6	32,8	32,1	32,6	35,2	35,6	34,0	34,6
TOTAL	34,6	34,9	34,3	35,0	33,1	33,5	34,9	35,4	34,6	35,0	35,1	35,8

Fonte: RAIS.

Fonte: RAIS.

Pode-se concluir que o perfil etário das trabalhadoras industriais mantém a mesma tendência observada de elevação de faixas etárias mais velhas para a economia como um todo e que, atualmente, há menos empecilhos relacionados às questões de maternidade e situação marital no comportamento das mulheres no mercado de trabalho (MELO, 2000, p. 16).

No caso do setor de serviços formais, também houve uma elevação da idade dos trabalhadores, tanto na análise por faixas de idade como quando analisamos a idade média dos trabalhadores. E isto é verdade tanto para as mulheres como para os homens. No caso das mulheres, houve um aumento da participação na faixa de 40 anos ou mais, que passou de 33,7%, em 1996, para 36%, em 2000. Para os homens, houve um aumento mais moderado no período para a mesma faixa etária, passando de 31,4%, em 1996, para 32,3%, em 2000. Estes dados ajudam a corroborar a afirmação de Camarano e Beltrão (1998) de que o aumento relativo da participação do pessoal ocupado de mais idade foi mais forte para as trabalhadoras, como podemos observar pela Tabela 5. Em termos setoriais, houve aumento da par-



GÊNERO

ticipação dos trabalhadores de faixas etárias mais elevadas em praticamente todos os subsetores do setor de serviços. As exceções ficaram por conta do setor de correio e telecomunicações e das atividades de informática e P&D, que experimentaram um aumento da participação das faixas abaixo de 40 anos. No caso da atividade de saúde e serviços sociais, também houve um ligeiro aumento das faixas acima de 40 anos para os homens, mas tal fato não chegou a se configurar numa elevação da idade média neste setor.

Um outro ponto importante para se ressaltar com relação à análise da faixa etária é a significativa redução do trabalho infante-juvenil em todos os setores dos serviços formais. A campanha realizada mundialmente a favor da redução do trabalho infantil tem sido bastante efetiva no cumprimento dos seus objetivos, principalmente a partir de 1989, com a adoção da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança e da Convenção 138 da OIT. Nos serviços formais, houve redução do trabalho das faixas de 10 a 17 anos para as mulheres, que passou de 1,46% para 0,9% do total de ocupadas e, para os homens, passou de 2,29% para 1,42% do total de ocupados. No caso da indústria, Melo (2000) também comprova a mesma tendência para o trabalho feminino nos diversos ramos manufatureiros.

Para complementar esta análise, a Tabela 6 apresenta a idade média dos trabalhadores e trabalhadoras do setor de serviços, agora abertos também por região. Por estes dados, percebemos que o comércio possui um contingente de trabalhadores mais jovens que os demais setores, principalmente no caso das mulheres. A administração pública, por sua vez, abriga os trabalhadores com uma média etária mais elevada, tanto para os homens como para as mulheres. A região Nordeste foi a que apresentou maior idade média neste setor, que em 2000 era de 42,1 anos para os homens e 42,6 anos para as mulheres.

Escolaridade

Além de estarem mais velhos, os trabalhadores dos serviços formais também estão mais escolarizados, de acordo com os dados apresentados pelas Tabelas 7 e 8, que mostram, respectivamente, as faixas de escolaridade para homens e mulheres no Brasil e a escolaridade média por sexo e por regiões.

Houve significativa redução dos trabalhadores com até a oitava série em favor dos trabalhadores com segundo grau ou escolaridade superior. Apesar desta melhoria na escolaridade, existe ainda um grande contingente de trabalhadores de baixa escolaridade, e isto é mais grave no caso dos homens. Enquanto, em 1996, 63,3% dos homens do setor de serviços possuíam até a oitava série (completa/incompleta), as mulheres com esse nível de escolaridade correspondiam a 43,6%. Em 2000, no entanto, com o aumento da escolaridade da população como um todo, esta percenta-



GÊNERO

gem passou a 52,8% para os homens e a 33,5% para as mulheres. Ou seja, mais de 50% dos homens ocupados nos serviços formais possuía apenas até a oitava série (completa/incompleta).

Evidentemente, a análise setorial apresenta um perfil de escolaridade bastante diversificado em comparação com a média apresentada para os serviços como um todo. Para os homens, as atividades menos escolarizadas, em 2000, ficaram por conta das atividades de transporte e serviços auxiliares de transporte (25,1%), alojamento e alimentação (21,1%), atividades imobiliárias e aluguéis de bens (46%) e administração pública (20,8%), em que mais de 20% dos trabalhadores possuíam apenas até a quarta série (completa/incompleta). Com relação às mulheres, os setores em que elas eram menos escolarizadas eram os de alojamento e alimentação (20,8%), atividades imobiliárias e aluguel de bens (27,3%) e de atividades de serviços prestados às empresas (17,9%), nos quais, no ano de 2000, mais de 17% das trabalhadoras possuíam até a quarta série (completa/incompleta).

A escolaridade também é uma variável que evidencia a relativa heterogeneidade presente no interior dos subsetores de serviços. Se, por um lado, encontramos setores com a escolaridade muito baixa, como os acima citados, por outro, encontramos setores em que grande parte da mão-de-obra é bastante escolarizada. As mulheres, por exemplo, eram mais escolarizadas no setor de comércio (64,6%), na atividade de correio e telecomunicações (92,24%), na intermediação financeira (95%), nas atividades de informática e P&D (87,7%), na administração pública (70%), ensino (80%) e no setor de saúde e serviços sociais (66,5%), setores estes em que, em 2000, mais de 60% das trabalhadoras possuíam o segundo grau (completo/incompleto) ou escolaridade superior. No caso da mão-de-obra masculina, para este mesmo ano, os setores mais escolarizados eram os de correio e telecomunicações (79,1%), intermediação financeira (93,1%), atividades de informática e P&D (83,6%), ensino (75,4%) e saúde e serviços sociais (62,2%), em que mais de 60% da mão-de-obra possuía o segundo grau (completo/incompleto) ou escolaridade superior.

Vale a pena frisar o fato de ter havido uma importante redução da participação dos trabalhadores nas faixas de escolaridade mais baixas em face das faixas mais elevadas, o que acabou provocando um aumento da escolaridade média nos setores de serviços. Esta maior escolarização da mão-de-obra é apontada por Salm, Sabóia e Carvalho (1996) como sendo mais um fenômeno de oferta que de demanda, porque, se fosse por pressão da demanda, os diferenciais de renda por escolaridade mostrariam um aumento, o que não se verificou. Como veremos a seguir, por meio da análise das remunerações percebidas pelos trabalhadores deste setor, houve mesmo uma redução das remunerações médias auferidas pelos trabalhadores, o que torna a afirmação dos autores válida também para o caso dos serviços formais.

Tabela 7
Distribuição percentual do pessoal ocupado nos serviços formais
por sexo e escolaridade – Brasil – 1996/2000

			Analfabeto	4ª série (completa/ incompleta)	8ª série (completa/ incompleta)	2º grau (completo/ incompleto)	Superior (completo/ incompleto)	Total
Comércio	Homem	1996	1,7	22,4	44,4	26,9	4,6	2.222.090
		2000	1,0	13,2	43,2	37,4	5,1	2.675.119
	Mulher	1996	1,1	11,8	36,5	44,0	6,6	1.241.316
		2000	0,5	5,9	29,0	56,6	8,0	1.576.643
Alojamento e alimentação	Homem	1996	1,8	32,3	47,0	16,9	2,0	352.446
		2000	1,1	20,0	50,0	26,6	2,2	418.030
	Mulher	1996	2,2	31,8	45,7	17,4	2,9	294.719
		2000	1,3	19,6	48,1	27,5	3,5	375.280
Transporte e serv. aux.de transporte	Homem	1996	2,1	35,2	42,5	16,8	3,5	1.029.279
		2000	1,0	24,1	46,1	24,5	4,3	1.029.660
	Mulher	1996	1,6	17,1	33,5	34,4	13,4	139.346
		2000	0,7	11,4	23,6	46,6	17,8	146.917
Correio e telecomunicações	Homem	1996	3,7	5,9	31,6	43,9	14,9	145.117
		2000	1,0	1,7	18,2	55,7	23,4	150.994
	Mulher	1996	5,4	2,8	20,6	50,8	20,4	59.124
		2000	0,5	0,7	6,5	55,1	37,1	63.206
Intermediação financeira	Homem	1996	1,1	1,6	9,2	45,6	42,5	358.073
		2000	0,3	1,3	5,3	40,9	52,2	303.713
	Mulher	1996	1,2	1,2	6,7	44,8	46,1	274.880
		2000	0,4	1,0	3,6	38,9	56,1	253.501
Atividades imobiliárias e aluguel de bens	Homem	1996	4,9	53,1	29,2	10,2	2,7	356.608
		2000	3,5	42,5	36,7	14,6	2,7	431.687
	Mulher	1996	4,1	31,9	30,2	26,3	7,5	98.384
		2000	2,4	24,9	32,5	31,5	8,7	114.011
Atividades de informática e P&D	Homem	1996	0,8	21,1	18,2	29,4	30,5	101.478
		2000	0,8	4,6	11,0	45,0	38,6	112.865
	Mulher	1996	1,0	6,3	17,4	39,6	35,7	60.746
		2000	0,6	2,7	9,1	54,6	33,1	84.001
Serv. prestados principalmente às empresas	Homem	1996	2,0	29,4	38,9	21,3	8,4	960.639
		2000	1,8	16,4	40,0	31,7	10,1	1.359.779
	Mulher	1996	2,7	31,3	26,6	28,7	10,7	558.205
		2000	1,4	16,5	23,5	39,3	19,3	884.253
Adm. pública, defesa e seguridade social	Homem	1996	3,5	22,7	31,3	23,0	19,6	2.397.979
		2000	2,3	18,5	21,7	32,8	24,6	2.561.683
	Mulher	1996	2,8	14,4	22,0	36,3	24,5	3.079.583
		2000	1,9	11,5	16,7	37,7	32,3	3.331.527
Ensino	Homem	1996	1,4	11,5	17,8	18,2	51,0	306.461
		2000	0,7	8,2	15,7	20,7	54,7	352.343
	Mulher	1996	1,2	7,8	15,1	32,9	43,1	544.472
		2000	0,5	5,2	14,3	31,7	48,3	566.428
Saúde e serviços sociais	Homem	1996	1,8	16,0	30,2	30,7	21,3	258.650
		2000	1,0	11,5	25,2	40,1	22,1	268.144
	Mulher	1996	1,4	14,9	30,2	39,8	13,7	729.724
		2000	0,7	9,0	23,7	50,6	15,9	770.084
Outras atividades de serviços	Homem	1996	4,8	33,8	31,8	19,9	9,7	512.263
		2000	2,3	24,4	33,0	27,4	12,9	575.203
	Mulher	1996	2,3	18,8	31,0	32,1	15,8	360.744
		2000	1,2	12,0	26,0	40,5	20,4	493.718
Total	Homem	1996	2,6	25,2	35,7	23,5	13,0	9.008.971
		2000	1,6	17,4	33,9	32,2	15,0	10.239.220
	Mulher	1996	2,2	15,3	26,1	36,4	19,9	7.444.978
		2000	1,3	10,4	21,8	42,2	24,4	8.659.569

Fonte: RAIS.

72 Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 59-77, 1. - 2. sem. 2006

**GÊNERO**

Tabela 8
Escolaridade média do pessoal ocupado no setor de serviços por
sexo e por regiões – RAIS – 1996/2000

(em anos de estudo)

	NORTE				NORDESTE				SUDESTE			
	HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000
COMÉRCIO	7,5	8,3	9,1	9,8	7,6	8,3	9,4	10,1	7,2	8,1	8,3	9,3
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	6,8	8,0	6,7	7,8	6,7	7,7	6,9	8,0	6,2	7,1	6,4	7,3
TRANSPORTE E SERV. AUX. TRANSPORTE	6,7	7,6	8,4	9,4	6,7	7,6	8,3	10,0	6,3	7,2	8,7	9,7
CORREIO E TELECOMUNICAÇÕES	10,1	10,9	11,0	12,0	9,9	10,7	10,7	12,0	8,9	10,9	9,5	12,0
INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA	11,0	11,7	11,3	12,1	11,5	11,7	11,9	12,3	11,7	12,3	12,1	12,6
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL DE BENS	6,7	7,5	8,4	9,0	4,9	5,8	8,2	8,8	4,8	5,5	6,9	7,7
ATIVIDADES DE INFORMÁTICA E P&D	9,7	10,9	12,0	12,1	5,8	10,8	9,5	11,7	11,3	11,9	11,4	11,8
SERVIÇOS PREST. PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	6,6	8,0	7,0	9,0	6,9	7,9	8,0	9,1	7,3	8,4	7,4	9,4
ADM. PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	8,4	9,4	9,0	9,8	7,9	8,9	8,4	9,6	8,8	9,4	10,7	11,1
ENSINO	10,8	11,9	10,1	11,7	10,8	11,6	11,2	11,9	11,5	12,1	11,5	12,2
SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS	9,0	9,2	9,6	10,1	8,8	9,3	9,6	10,2	9,2	9,9	8,7	9,8
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	7,5	8,0	9,4	9,8	6,5	7,1	9,0	9,8	6,8	8,2	8,4	9,6
TOTAL	8,0	8,9	9,1	9,9	7,7	8,4	8,9	9,8	7,7	8,5	9,4	10,2

	SUL				CENTRO-OESTE				BRASIL			
	HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000
COMÉRCIO	7,6	8,3	8,6	9,3	7,5	8,3	8,8	9,5	7,3	8,2	8,6	9,5
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	7,1	7,9	6,4	7,4	6,8	7,5	6,6	7,6	6,4	7,3	6,5	7,5
TRANSPORTE E SERV. AUX. TRANSPORTE	6,3	7,4	8,4	9,4	6,4	7,2	8,4	9,2	6,4	7,3	8,6	9,6
CORREIO E TELECOMUNICAÇÕES	10,1	11,0	10,9	11,9	10,5	11,4	11,0	12,2	9,4	10,9	10,1	12,0
INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA	12,1	12,3	12,3	12,5	12,0	12,0	12,4	12,3	11,8	12,2	12,1	12,5
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL DE BENS	6,2	6,9	6,5	7,1	5,9	6,5	7,3	7,9	5,0	5,8	6,9	7,7
ATIVIDADES DE INFORMÁTICA E P&D	11,1	11,0	11,3	10,9	10,0	10,8	10,6	11,2	9,6	11,4	11,0	11,5
SERVIÇOS PREST. PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	7,3	8,2	7,5	8,7	6,4	7,3	6,7	8,1	7,2	8,2	7,4	9,2
ADM. PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	7,8	9,3	9,4	11,2	8,3	10,3	9,4	10,3	8,4	9,4	9,7	10,5
ENSINO	11,7	12,6	11,5	12,4	11,2	10,6	11,3	10,5	11,3	11,9	11,4	12,0
SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS	9,4	10,2	8,7	9,8	9,5	9,8	9,3	9,7	9,1	9,8	8,9	9,8
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	6,6	7,6	8,5	9,4	7,1	7,7	8,8	9,6	6,8	7,9	8,6	9,6
TOTAL	7,8	8,7	9,1	10,2	8,0	9,2	9,2	9,9	7,7	8,6	9,3	10,1

Fonte: RAIS.

Um último ponto a ser destacado tem a ver com as informações trazidas pela Tabela 8, na qual os diferenciais de escolaridade entre homens e mulheres tornam-se mais evidentes, já que as informações sobre a escolaridade estão disponíveis em média de anos de estudo, além de contemplar a abertura pelas grandes regiões brasileiras. Podemos perceber pelos dados desta tabela que as mulheres possuem escolaridade igual ou superior à dos homens em absolutamente todos os subsetores dos serviços. E, apesar de ter havido um aumento da escolaridade para ambos os sexos, este não foi suficiente para diminuir a distância entre a escolaridade feminina e a masculina, que, no ano de 2000, era de 1,5 anos de estudo em média para os serviços como um todo.

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 59-77, 1. - 2. sem. 2006 **73**

Apesar de as mulheres estarem cada vez mais disputando uma vaga no mercado de trabalho, motivadas por razões tanto econômicas (como a necessidade de complementação da renda familiar) quanto pessoais (busca de maior independência e realização profissional), isto não significa que elas tenham conquistado igual tratamento no mercado de trabalho em relação aos homens. Uma das facetas da desigualdade existente entre os gêneros no mercado de trabalho se manifesta, principalmente, na discrepância das remunerações percebidas entre homens e mulheres.

A partir da Tabela 9, podemos visualizar as remunerações médias de homens e mulheres nos subsetores dos serviços, abertos pelas grandes regiões brasileiras. Como podemos perceber, as mulheres auferiram rendimentos médios menores que os dos homens em todos os setores dos serviços. E isso é verdade para todas as regiões brasileiras, tanto em 1996 quanto em 2000. Mesmo nos setores em que as mulheres tradicionalmente se concentram, como as administrações públicas, o ensino e a saúde e serviços sociais, existe um diferencial de renda muito grande entre homens e mulheres. Para o Brasil, estes diferenciais eram, no ano de 2000, de 2,2 salários mínimos (SM), 2,2 SM e 2,6 SM, respectivamente. Em outros setores, como a intermediação financeira, este diferencial chega a quase 5 SM.

Tabela 9
Remuneração média no setor de serviços por gênero
e grandes regiões – RAIS – 1996/2000

(Remuneração em salários mínimos do ano)

	NORTE				NORDESTE				SUDESTE			
	HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000
COMÉRCIO	3,3	2,5	2,8	2,1	2,9	2,4	2,2	2,0	4,4	3,8	3,3	3,0
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	2,4	2,1	2,0	1,8	2,0	2,0	1,8	1,7	3,1	2,8	2,6	2,4
TRANSPORTE E SERV. AUX. TRANSPORTE	4,7	4,3	4,2	3,6	4,6	4,1	4,3	3,7	6,5	5,5	6,0	5,4
CORREIO E TELECOMUNICAÇÕES	10,7	8,3	8,7	6,6	10,4	7,5	7,9	6,3	11,8	10,8	8,5	8,6
INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA	17,0	15,0	13,6	11,5	18,0	16,2	13,5	11,6	18,1	16,6	13,4	11,8
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL DE BENS	2,9	2,5	3,0	2,4	2,4	2,1	2,7	2,4	4,6	4,2	3,6	3,4
ATIVIDADES DE INFORMÁTICA E P&D	14,1	10,3	10,5	7,3	5,7	7,5	5,9	5,3	13,4	12,6	8,7	8,3
SERVIÇOS PREST. PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	3,5	3,0	2,7	2,4	3,3	2,7	2,5	2,2	6,0	5,4	3,9	4,2
ADM. PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	6,7	6,7	4,8	4,7	5,0	5,6	3,0	3,5	7,6	8,1	5,9	6,3
ENSINO	5,2	6,0	3,8	4,4	4,7	5,3	3,7	3,8	9,3	9,1	6,7	6,4
SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS	5,3	5,3	3,6	3,3	4,3	3,9	3,0	2,8	6,6	6,1	4,5	4,3
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	5,3	4,2	6,0	4,4	3,0	3,1	2,7	2,7	5,8	5,5	4,5	4,3
TOTAL	5,6	5,0	4,5	4,2	4,5	4,2	3,2	3,3	6,6	6,0	5,2	5,0

	SUL				CENTRO-OESTE				BRASIL			
	HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES		HOMENS		MULHERES	
	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000	1996	2000
COMÉRCIO	3,9	3,3	2,8	2,5	3,3	2,9	2,5	2,4	4,0	3,4	3,0	2,7
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	2,7	2,4	2,3	2,1	2,4	2,2	2,0	1,9	2,8	2,6	2,4	2,2
TRANSPORTE E SERV. AUX. TRANSPORTE	5,2	4,5	4,3	3,7	4,3	3,7	4,1	3,3	5,8	5,0	5,3	4,8
CORREIO E TELECOMUNICAÇÕES	12,7	9,1	9,6	6,6	13,5	11,7	9,4	8,5	11,9	10,1	8,7	7,9
INTERMEDIÇÃO FINANCEIRA	17,5	15,2	12,5	10,5	21,2	20,4	16,4	14,9	18,2	16,6	13,5	11,8
ATIVIDADES IMOBILIÁRIAS E ALUGUEL DE BENS	3,9	3,5	2,5	2,3	3,3	2,9	2,6	2,5	4,1	3,7	3,2	3,0
ATIVIDADES DE INFORMÁTICA E P&D	10,6	8,4	6,8	5,1	11,5	7,5	7,6	4,5	10,7	10,5	7,9	6,6
SERVIÇOS PREST. PRINCIPALMENTE ÀS EMPRESAS	4,5	3,9	2,7	2,5	3,6	3,4	2,6	2,6	5,2	4,6	3,5	3,7
ADM. PÚBLICA, DEFESA E SEGURIDADE SOCIAL	7,6	7,8	5,3	5,4	8,6	9,1	6,8	7,8	7,1	7,6	5,0	5,4
ENSINO	7,9	8,9	5,7	6,1	6,8	6,9	5,1	6,3	7,9	8,1	5,6	5,9
SAÚDE E SERVIÇOS SOCIAIS	6,8	6,3	4,3	3,9	9,1	5,1	6,1	3,6	6,3	5,6	4,3	4,0
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS	4,5	4,5	3,5	3,2	4,8	4,0	4,3	3,7	5,1	4,8	4,2	3,8
TOTAL	6,1	5,4	4,6	4,2	7,0	6,5	5,8	5,7	6,2	5,6	4,7	4,6

Fonte: RAIS.

74 Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 59-77, 1. - 2. sem. 2006



GÊNERO

No mercado de trabalho informal, a elevada composição feminina, especialmente nos serviços domésticos, tem sido apontada como um dos principais fatores da discrepância entre a remuneração dos homens e mulheres. Mas como explicar esta “segregação por gênero” existente no mercado formal?

Uma das possíveis causas para esta diferença poderia estar calcada no nível de instrução, já que muitos autores fazem uma correlação positiva entre remuneração e anos de estudo. Contudo, conforme analisado no item anterior, percebe-se que as mulheres possuem uma escolaridade média maior que a dos homens em todos os setores dos serviços, de forma que, por este raciocínio, o salário médio das mulheres deveria ser maior do que o dos homens, o que não é verificado na prática. Desta forma, a escolaridade não pode ser utilizada como uma possível justificativa para a diferenciação salarial entre homens e mulheres.

Ikeda (2000) elabora um criterioso estudo sobre as possíveis justificativas para a diferenciação salarial no mercado de trabalho formal, também utilizando a base de dados da RAIS, para o ano de 1997. Para tanto, ele realiza diversos cruzamentos em busca de uma resposta plausível para esta discrepância. A seguir, reproduziremos suas principais conclusões.

O nível de instrução não poderia ser utilizado como justificativa de menores salários para as mulheres por conta de elas possuírem, em média, uma escolaridade maior que a dos homens, como já apontamos anteriormente.

Uma outra tentativa de explicação das divergências entre remuneração e escolaridade poderia ser encontrada no tamanho do estabelecimento, já que as mulheres estão mais concentradas em pequenos estabelecimentos do que os homens. E, como se sabe, a remuneração do emprego nos pequenos estabelecimentos é inferior à dos grandes estabelecimentos. Ainda assim, esse tipo de análise não justificaria o fato de os rendimentos femininos na administração pública serem inferiores aos masculinos, já que as mulheres estão mais concentradas em grandes estabelecimentos que os homens neste setor. Além disso, mesmo considerando-se um tamanho específico de estabelecimento, os rendimentos femininos encontrados são sempre inferiores aos masculinos.

Partindo para uma análise em termos de ocupação, o autor conclui que as mulheres permanecem sendo remuneradas em níveis inferiores aos dos homens em todos os grandes grupos de ocupações em 1997, embora, em geral, sejam mais instruídas. A ambigüidade aumenta ainda mais quando se desagregam as ocupações em 82 subgrupos de ocupações, de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações. Neste caso, das 11 ocupações que absorvem cerca de 75% da mão-de-obra feminina, as mulheres recebem remuneração inferior em todas elas, apesar de apenas em 5 delas os homens possuírem escolaridade superior à das mulheres. Mesmo assim, essas diferenças de instrução não explicariam a ampla diferença de remunerações entre os gêneros.

Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 59-77, 1. - 2. sem. 2006 **75**



GÊNERO

Desta forma, o autor conclui que não existe nenhuma justificativa plausível que explique esses diferenciais de rendimentos, senão a forte discriminação das mulheres no mercado de trabalho, que, segundo Kon (1999), tem se reduzido a uma taxa bem menor que a segregação por raça, por exemplo.

Abstract: This article investigates occupational insertions into formal jobs in the service sector for men and women, taking into account the growing importance of this sector in the generation of new employment positions. The study uses as a statistical information source from RAIS – (Social Information Annual List), which captures data on around 90% of formal jobs in Brazil. However, as far as the service sector is concerned, RAIS's coverage should cover an even lower percentage, since this is a sector marked by a wide range of heterogeneous activities, which are difficult to measure statistically. To analyze the profile of workers, the main reference variables used are age group, level of schooling and remuneration of workers in the sector.

Keywords: formal service; gender; segregation in the labor market

(Recebido e aprovado para publicação em maio de 2006.)

Notas

¹ A taxa de participação feminina expressa a porcentagem de mulheres em idade de trabalhar, que está trabalhando ou buscando ativamente trabalho, incluindo as mulheres ocupadas e as desempregadas que ainda buscam um emprego.

² Melo (2000).

³ Panorama Laboral 2001, OIT.

⁴ A RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) considera pertencentes ao mercado de trabalho formal os empregados celetistas (regidos pela CLT), os estatutários, os trabalhadores regidos por contratos temporários, por tempo determinado, e os empregados avulsos, quando contratados pelo sindicato. Vale ressaltar que tais trabalhadores percebem uma remuneração como contrapartida dos trabalhos prestados.

⁵ Pesquisa Anual de Amostra por Domicílio. A autora, neste artigo, trabalha com dados referentes aos anos de 1985, 1993 e 1997.

76 Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 59-77, 1. - 2. sem. 2006



GÊNERO

Referências

CAMARANO, A. A.; BELTRÃO, K. I. O idoso no mercado de trabalho: como vai? *População Brasileira*, Brasília, DF, ano 3, n. 3, dez. 1998.

IKEDA, M. *Remuneração por gênero no mercado de trabalho formal: diferenças e possíveis justificativas*. Rio de Janeiro: BNDES, 2000. (Texto para discussão, n. 82). Disponível em: <www.bndes.gov.br>.

KON, A. *Segmentação ocupacional e setorial do trabalho no Brasil segundo o gênero*. Comunicação apresentada no XIII Congresso Brasileiro de Economistas, Rio de Janeiro, set. 1999.

MELO, H.P. *O trabalho industrial feminino*. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. (Texto para discussão, n. 764)

MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO – MTE . *Relação Anual de Informações Sociais – RAIS*. Brasília, DF, 1989.

_____. *Relação Anual de Informações Sociais – RAIS*. Brasília, DF, 1996.

_____. *Relação Anual de Informações Sociais – RAIS*. Brasília, DF, 1998.

_____. *Relação Anual de Informações Sociais – RAIS*. Brasília, DF, 2000.

PANORAMA LABORAL. 2001. Disponível em : <www.oit.org.pe>.

SALM, C.; SABÓIA, J.; CARVALHO, P.G.M. de. *Produtividade na indústria brasileira: uma contribuição ao debate*. Rio de Janeiro: IE/UFRJ, 1996. (Textos para Discussão, 376)